

Thomas Ogden

Thomas Ogden é psiquiatra e psicanalista filiado à Associação Americana de Psicanálise e à International Psychoanalytical Association (IPA). Reside em São Francisco (EUA), onde clínica e é diretor do Center of the Advanced Study of the Psychoses.

Ogden completou sua residência em psiquiatria na Yale University School de Medicina e, posteriormente, fez a formação psicanalítica no San Francisco Psychoanalytic Institute. Porém, continuou seus estudos na Tavistock Clinic, em Londres, pois estava insatisfeito com a psicologia do ego, que sofria rígida influência de Hartman. Ao longo dos anos de estudo, Ogden se questionou sobre a teoria estrutural do desenvolvimento da personalidade, sobre a interação interpessoal e o tratamento psicanalítico. Desses questionamentos nasceu um grande volume de publicações. São oito livros:

Projective Identification and Psychotherapeutic Technique (1992)

The Matrix of the Mind: Object Relations and the Psychoanalytic Dialogue (1992)

The Primitive Edge of Experience (1992)

Subjects of Analysis (1994)

Reverie and Interpretation. Sensing Something Human (1999)

Conversations at the Frontier of Dreaming (2002)

This Art of Psychoanalysis: Dreaming Undreamt Dreams and Interrupted Cries (2005)

Rediscovering Psychoanalysis: Thinking and Dreaming, Learning and Forgetting (2009)

O único livro traduzido para o português até o momento é Os Sujeitos da Psicanálise, publicado em 1996 pela Casa do Psicólogo. Além disso, existem vários artigos e capítulos de livros, muitos deles traduzidos e publicados no Brasil.

As obras de Ogden são muito bem escritas e de grande profundidade. Suas referências teóricas principais são Freud, M. Klein, Bion, Tustin, Fairbairn e principalmente Winnicott. Ogden ofereceu grandes contribuições para psicanálise. Nesta resenha privilegiarei os conceitos de terceiro analítico e de posição autista-contígua.

Ogden propõe um novo olhar para o processo analítico, estabelecendo uma visão dialética entre o sujeito e o objeto, ressaltando dessa forma, a

intersubjetividade. Os sujeitos da análise, analista e analisando, criam-se mutuamente, não há analista sem analisando e não há analisando sem analista, embora mantenham o contorno de suas individualidades. No processo analítico, o analisando não pode ser apenas o sujeito da investigação e tampouco o analista poderá ser apenas o observador dos esforços do analisando. O analisando precisa ser sujeito nesta investigação, criar esta investigação, e o analista também precisa fazer parte ativa no processo, pois a sua experiência subjetiva é o caminho possível para a compreensão da relação que está sendo vivenciada. Então, da inter-relação das subjetividades do analista e do analisando produz-se o terceiro analítico.

“O terceiro analítico não é apenas uma forma de experiência de que participam analista e analisando, é ao mesmo tempo, uma forma de vivenciar a eu-dade (uma forma de subjetividade), na qual (por meio da qual) analista e analisando se tornam outros do que foram até aquele momento.”¹

O terceiro analítico geralmente se manifesta por meio de imagens, sensações ou sentimentos produzidos na mente do analista no momento do encontro terapêutico. O analista capta o terceiro através de sua função reverie e dá voz à experiência. Desse modo, analista e analisando vivenciam o passado vivo do analisando criado intersubjetivamente no terceiro analítico, possibilitando assim, sua elaboração e transformação.

Ogden estudou com entusiasmo as organizações psicológicas mais primitivas da mente humana. Ele propõe a idéia de uma posição ainda mais antiga que as posições esquizo-paranóide e depressiva, propostas por M. Klein. Esta posição foi denominada autista-contígua. O termo autista significa a mais primitiva organização psicológica, e contígua se refere a partes que se tocam, uma vez que, nesta posição, o contato de pele é o meio mais importante para produzir sentido e gerar os rudimentos da experiência de self. A posição autista-contígua é pré-simbólica e marcada pelas sensações. Em situações normais, ela é o pano de fundo, o delimitador sensorial para as experiências posteriores da vida psíquica.

“A experiência sensorial no modo autista-contíguo tem uma qualidade de ritmo que vai se tornando continuidade de ser; ela tem a tessitura, que é o início da experiência de um lugar onde se sente, pensa e vive; possui forma, dureza, frieza e calor, textura etc., que são o início das qualidades de um ser.”²

O tipo de ansiedade própria desta posição é a de um terror sem nome de dissolução dos vínculos, que resulta em sensações de vazar, cair ou dissolver-se em formas infinitas e espaços informes. As posições autista-contígua, esquizo-paranóide e depressiva permanecem em relação dialética. Cada uma delas cria, preserva e nega as outras.

O objetivo desta resenha é oferecer algumas informações básicas para que você, leitor, possa ter a curiosidade de ler as obras de Thomas Ogden e se deliciar com o seu pensamento e a sua forma poética de escrever. É imperdível.

Resenha elaborada por Tânia Oliveira de Almeida Grassano, psicanalista

em formação pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG).

¹ OGDEN, Thomas. Os sujeitos da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, PP. 4-5.

² OGDEN, Thomas. Sobre o conceito de uma posição autista-contígua. Revista Brasileira de Psicanálise, V.xxx(2): 341-364, 1996.